O INSTITUTO DO CEARÁ (*)

O Instituto do Ceará — seguindo a indefectível trajetória de sua vida, feita de épocas brilhantes e curtos períodos de obscuridade — parece arrastar-se, agora, modorrento e desamparado, no rumo de um nôvo ocaso.

O homem e o tempo lhe declararam guerra de exterminio; periclita o seu patrimônio material e cultural. Um e outro, tempo e homem, deixam a impressão de pretender aniquilá-lo, para sempre, reintegrando-o na paz niveladora do nada.

A fachada do prédio apalaçado, onde se alberga graças à munificência do Governador Paulo Sarasate, o muro de colunas caprichosas que o circunda, dando-lhe ainda maior majestade, os vidros, que guarnecem as janelas, as plantas e a grama de seu jardim, tudo vai sendo ràpidamente destruído a pedradas por alguns dos lídimos representantes das jovens gerações de estudantes cearenses que vivem no Benfica. Êsses «homens de amanhã», construtores do atro futuro da Pátria, frustrados Pelés, que se aninham pelas circunvizinhanças do Instituto, aprazem-se no criminoso mister de reduzir a nada os bens imóveis da instituição, sem que ninguém tome conhecimento dêsses atos deprimentes e impeça o exercício de atividades tão mal-fazentes.

Assim, libertos de quaisquer censuras, agem êles livremente, desabridamente, com o mesmo primarismo sandeu, a mesma irresponsabilidade desparatada, a mesma violência idiota de bárbaros subvertendo as grandezas de uma civilização.

Mas não apenas a mocidade estudiosa da Rua Luís de Miranda lhe é declaradamente hostil; também o tempo, o velho e dementado Cronos, se lhe tem mostrado inexorável algoz.

Aluídos ao pêso dos anos os fundamentos sôbre que repousam, zebram-se de fendas largas suas paredes venerandas, em cujas faces os bolores vêm pondo manchas de um pardo sujo.

As tábuas que lhe revestem internamente o teto, empenadas, por fôrça da umidade dos últimos invernos, retorcem-se e, em muitos trechos, começam a se desprender umas após outras. Nos rombos, abertos pelo cair das tábuas, fazem-se visíveis, na semi-obscuridade do fôrro, caibros e ripas que diligentes aranhas entretecem.

(*) Êste trabalho, lido em sessão do Instituto do Ceará, foi, pelo autor, publicado nos jornais de Fortaleza «Unitário» e «Correio do Ceará», sob o pseudônimo de Podestá Ribeiro, com que vem firmando últimamente seus artigos literários.

Já não havendo quem a remova, com a necessária presteza e regularidade, a poeira, trazida pelas brisas frescas, insinua-se por tôda parte, acumula-se sôbre os móveis, atapeta o soalho, cobre os livros, danificando-os.

Dos encanamentos, que servem ao prédio, já não surde o líquido benfazejo. A corrente elétrica tendo sido cortada, os fios que a conduziam, alongam-se inúteis pelas paredes ou pendem, já sem finalidade, dos tetos altos.

A biblioteca, opulenta faz alguns anos, ressente-se hoje da perda de muitos de seus livros e revistas, subtraídos por bibliófilos sedentos de raridade ou, ainda, por indivíduos pouco escrupulosos que, depois, vão vender o produto dos furtos aos sebos da cidade.

Sorte igual tem tido a sua mapoteca.

E tudo ocorre sob as vistas indiferentes das autoridades, de alguns letrados que, de raro em raro, visitam o Instituto e, até, dos próprios sócios.

E porque tal ocorre, porque a Casa do Barão de Studart se faz silenciosa, embebendo-se da tristeza dos solares abandonados todos sabemo-lo sobejamente.

Em Fortaleza, onde a culta agremiação foi fundada há 76 anos por um grupo de intelectuais abnegados e prestantes, e pelo estado inteiro, seus esforços produtivos são, de todos, pràticamente ignorados.

Em chocante contraste com tal estado de coisas, fora de nossas fronteiras, no Sul do País, e, sobretudo, no estrangeiro, seus méritos são conhecidos da gente culta, a sua revista e os livros, que edita, insistentemente pedidos e mesmo reclamados.

Em carta de 11 de setembro de 1963, Miss Katherine King, chefe da divisão de trocas da Biblioteca da Universidade da Califórnia, solicitando as últimas monografias relativas à história do Ceará, editadas pelo Instituto, informa:

«The latest number of your REVISTA received in our Serial Department is no 73 (1959)». E cheia de interêsse, pergunta: «Has no. 74 been published?»

Em data pouco anterior, respondendo a uma comunicação do Instituto, dissera a senhora Eloyde Tovey, encarregada também da divisão de trocas da mesma Universidade, o seguinte: «We are very pleased to learn that you are continuing to send to our library at Los Angeles, Califórnia, YOURS VALUABLE PUBLICATIONS.'

Também a Biblioteca Geral da Universidade de Pôrto Rico, por intermédio do seu bibliotecário, o Senhor Antônio Matos, solicita ao Instituto, em ofício de 21 de outubro de 1963, a sua revista que afirma: «Nos agradaria recebir las mismas regularmente. De tener disponibles numeros atrasados de estas publicaciones, nos agradaria tambien poder obtenelos.»

Pedido semelhante fizera, em carta, a 2 de agôsto de 1963, Miss Carolyn Caldwell, da sessão de trocas da Biblioteca do Harvard College (Massachussetts, E.U.A.). A biblioteca estava, porém, interessada preferentemente nas monografias, editadas pelo Instituto, e, assim se expressa a Bibliotecária: «We have been receiving this by grift have 3, 18, 23 and request all other available numbers.»

O Prof. Armando Vicente, catedrático de etnologia geral da Universidade de La Plata (Argentina), solicitando o tomo 67 (1953), diz, em carta de julho de 1963, que «tenderia mucho interés em consultar-lo».

São estas algumas das dezenas de cartas, pedindo ou acusando o recebimento da Revista, que chegam à Secretaria do Instituto todos os anos.

Não pode igualmente passar sem uma referência especial o cartão-postal endereçado à Diretoria do Instituto pela Exma. Sra. D. Zélia Camurça, quando de sua viagem pelos Estados Unidos. Eis o comovente texto da missiva:

«Foi um momento de comoção ao ver alinhados e em nova encadernação azul brilhante os volumes da «Revista do Instituto» em prateleiras de aço inoxidável na nova e fabulosa Biblioteca da Universidade de Pennsylvania, onde acabo de receber o grau de MASTER OF SCIENCE IN EDUCATION, com especialização em Estudos Sociais.»

O Instituto mantém, outrossim, intercâmbio cultural com mais de vinte associações européias, que cuidam de ciências sociais.

Dos países hispano-americanos lhe chegam, anualmente, dezesseis revistas especializadas em assuntos de história, geografia e ciências afins.

É, porém, dos Estados Unidos que recebe maior número de publicações, enviadas por vinte e cinco universidades e sociedades de história e geografia.

Cabe notar que a instituição expõe, à consulta do público, revistas altamente especializadas em vários setores do saber humano, tais como:

«Anthropological Records», publicada pela Universidade da Califórnia.

«Enciclopédia de Educación», de Montevidéu, e «Anales de Instrucción Primaria», de Montevidéu etc. etc.

Êste intercâmbio cultural está, porém, pràticamente interrompido ou melhor, vive à beira do definitivo colapso.

A quase indigência a que chegou o Instituto — cenáculo pobre de sócios ricos e poderosos — obrigou-o a dispensar o funcionário encarregado de sua correspondência. Esta se encontra, por isso, em atraso de muitos meses. As revistas de 1961 ainda não foram remetidas, por falta de numerário para lhes pagar o porte.

As benemerências do Instituto não se cingem a tornar conhecidos o Ceará e a obra dos nossos coestaduanos letrados, nos grandes centros culturais da América e do Velho Continente. Vão muito além, e se expressam, ainda, pela ajuda material prestada às sociedades de letras e de artes que pela terra de Iracema vicejam.

A Academia Cearense — a mais antiga agremiação no gênero existente em todo o País e das mais ilustres — floresce à sombra dessa ajuda material. De há muito ela realiza, com efeito, suas sessões em dependência do Instituto do Ceará — na Casa de Tomás Pompeu —, sem nada lhe ser cobrado e mesmo sem despesa alguma de sua parte.

O atual Museu Histórico e Antropológico do Estado, ora funcionando no prédio do Instituto, é, pràticamente, obra sua, recriou-o um dos seus membros mais ativos, o Sr. Raimundo Girão.

Quando, por fôrça de um convênio firmado entre o Govêrno e o Instituto, êste recebeu o acervo do antigo Museu do Estado, o que dêle restava era um amontoado de velharias; um autêntico brique-a-bsaque.

A magnífica realização de Eusébio de Sousa e seus devotados auxiliares desbarata-se quase por completo, durante o tempo de abandono em que jouvera, depois da aposentadoria de seu ilustre diretor e fundador.

Do exício, salvaram-se, apenas alguns canhões, velhos quadros e uns poucos objetos históricos aproveitáveis.

Também a Sociedade Cearense de Artes Plásticas ocupou, durante anos, salas da Casa de Tomás Pompeu, sem ônus pecuniário, de qualquer espécie, para os operosos filhos das musas que a integravam.

A própria Univerisdade muito deve ao Instituto do Ceará. Sob seu teto antigo, em umas das salas mais amplas — ainda hoje na posse do Museu da Universidade — é que foi criado, no ano de 1957, e exercitou as suas atividades até começos de 1960, o Instituto de Antropologia. Por sua vez, o curso, ministrado por êsse Isstituto, teve exercício cêrca de quatro anos no auditório da Casa do Barão de Studart, gratuitamente cedido para tal fim.

A instituição cultural de tão alto mérito e que tantos serviços vem prestando às ciências e às letras cearenses — no decorrer de seus 76 anos de existência profícua — está, como se disse, em plena derrocada.

A vida meritória do Instituto do Ceará bruxuleia; extinguem-se não apenas por falta de amparo oficial, senão também, e sobretudo, pela ausência, em seus associados, dêsse vívido entusiasmo que anima, dá viço e brilho às sociedades que tratam das coisas do espírito. A maioria de seus ilustres membros parece haver perdido o interêsse pelo destino da agremiação, a que pertencem, e a fé, que é o sustentáculo de tôdas as realizações, no campo das atividades desinteressadas.

Poucos se dignam de freqüentar as reuniões para iluminá-las com o férvido fulgor de suas inteligências de escol, animá-las com o calor de suas presenças e ali derramar algo do muito saber que Deus lhes concedeu. Quando falamos em férvido fulgor de inteligências, não armamos apenas fácil figura de retórica; enunciamos, em têrmos vivos, uma verdade, verdadeiríssima, como diria, em seus inocentes arroubos, um dos nossos eméritos professôres.

O Instituto do Ceará conta, com efeito, em seu quadro, vultos dos mais egrégios em nosso meio cultural.

Deve-se, infelizmente, frisar que apenas alguns dêsses conspícuos cidadãos das letras, condescendem em perder duas de suas preciosíssimas 720 horas mensais, para se fazerem presentes à sessão plena que a Sociedade realiza de 30 em 30 dias...

Por que, afinal, tamanho descalabro? Não recebe a Sociedade, por ventura, auxílios pecuniários do Govêrno para a sua mantença? Perguntar-se-á por certo. Recebe, responderemos. Mas, sempre tão parcos, tão diminutos que ela jamais poderia sobreviver, não fôssem eventuais ajudas havidas de governantes atentos, também, ao progresso intelectual dos seus governados. No número dêsses administradores, hoje tão pouco vulgares, incluem-se Beni Carvalho, Carneiro de Mendonça, Machado Lopes e poucos mais.

Muito lhe têm valido, outrossim, as contribuições monetárias de cidadãos de boa vontade, a quem o Instituto concedeu, com justiça, o título de sócio benemérito. Jamais encontrou, porém, a proteção derramada de ricaços brasileiros, de um Francisco Alves, o sempre lembrado amigo da Academia Brasileira de Letras, ou de um Matarazzo que se tem mostrado o Mecenas, por excelência, dos intelectuais paulistas.

Dignos das maiores reverências são, igualmente, os ex-Senadores Manuel do Nascimtnto Fernandes Távora e Onofre Gomes de Lima e os ex-Deputados Virgílio Távora e Crisanto Moreira da Rocha, que, ao tempo de seus mandatos, destinaram parte de suas cotas à Casa do Barão de Studart.

Últimamente, na Câmara Federal, o Deputado Martins Rodrigues conseguiu lhe fôsse consignada, no orçamento da República, uma ajuda substancial. Tantas são, porém, as formalidades a cumprir e as dificuldades a vencer que, raras vêzes, o Instituto consegue receber parte das subvenções concedidas.

Na Assembléia cearense, o Deputado Plácido Castelo tem, para ela, pleiteado e conseguido de seus ilustres pares, auxílios pecuniários abundantes. No setor estadual recrudescem, todavia, os óbices ao pagamento das tais quantias.

Os secretários da Fazenda — por fôrça, talvez, de suas pouco simpáticas, embora patrióticas e necessárias atribuições de defensores dos dinheiros públicos — nunca se mostraram apressurados e solícitos em socorrer o Instituto em suas periódicas aperturas.

Entre os titulares, que vão passando por aquela Secretaria, de uma só exceção temos notícia.

É êsse caso único o Sr. Renato de Almeida Braga, de quem se dirá talvez que, sendo um dos mais destacados membros do Instituto, teria necessàriamente que favorecê-lo. A verdade é que vários outros sócios da veneranda agremiação vêm ocupando lugares de relêvo nas administrações públicas de nossa terra, sem nada, nadinha, fazer em seu benefício.

No plano municipal, a Câmara dos Vereadores tem-se mantido inexplicàvelmente alheia aos destinos do Instituto; apenas um dos seus membros, o Sr. René Dreyfuss, lhe tem prestado favores.

Dêsse estado de coisas resulta que, não obstante achar-se com direito a milhões de cruzeiros, o Instituto do Ceará pouco ou nada consegue receber. Daí as dificuldades atuais que sôbre êle pesam como uma ameaça de aniquilamento.

De qualquer modo, o Instituto do Ceará é algo de virtualmente indestrutível; saberá vencer com galharda sobrançaria as dificuldades que ora o assoberbam.